



Os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920

The early days of psychoanalysis in Minas Gerais: the diffusion of freudian ideias in the 1920s

Rodrigo Afonso Nogueira Santos
Fuad Kyrillos Neto
Universidade Federal de São João del-Rei
Brasil

Resumo

No presente artigo, descrevemos as vias pelas quais ocorreu a chegada das ideias freudianas em Minas Gerais. Destacamos que os primeiros leitores de Freud se situaram, ao longo dos anos 1920, nos campos da psiquiatria e das artes, sobretudo na literatura modernista. Apontamos o quanto essas leituras foram desenvolvidas sem maiores preocupações metodológicas, sendo a psicanálise concebida mais como um acessório para os psiquiatras e modernistas do que como um campo com coordenadas próprias. Ao longo do trabalho, sustentamos o quanto pensadores católicos se constituíram como uma fonte de resistências à chegada da psicanálise, tanto em relação à concepção psicanalítica da sexualidade infantil quanto aos textos freudianos que envolviam a religião. Por fim, identificamos que a tensão entre os leitores da psicanálise e representantes do catolicismo pode ter se constituído como a condição de emergência de um enunciado especificamente mineiro, no qual noções freudianas e bíblicas na acepção católica puderam conviver harmonicamente, aos modos de uma formação de compromisso entre duas forças antagônicas.

Palavras-chave: história da psicanálise; Minas Gerais; psiquiatria; modernismo; catolicismo

Abstract

In this article, we describe the ways in which occurred the arrival of Freudian ideas in Minas Gerais. We emphasize that the readers of Freud, throughout the 1920s, stood in the fields of psychiatry and arts, especially in the modernist literature. We point out how these readings were developed without major methodological concerns, psychoanalysis being conceived more as an accessory to psychiatrists and modernists than as a field with its own coordinates. Throughout the work, we argue how much the strength of the Catholic thinkers was constituted as a source of resistance to the arrival of psychoanalysis, both in relation to the psychoanalytic conception of infantile sexuality and the Freudian texts involving religion. Finally, we identified that the tension between psychoanalysis and catholic thinkers may have formed as the emergency condition of a statement specifically meant for Minas Gerais, in which Freud and biblical notions in the Catholic sense could live harmoniously, in the ways of a compromise formation between two opposing forces .

Keywords: history of psychoanalysis; Minas Gerais; psychiatry; modernism; catholicism



Introdução

O campo de trabalho relacionado à historiografia da psicanálise tem sido marcado pelo reconhecimento de uma intensa fragmentação no que se refere à chegada das ideias freudianas no Brasil. Se duas grandes vias podem ser destacadas - a psiquiatria e o modernismo -, apontamos que cada uma delas se configurou e se articulou a outros campos do saber de um modo específico em cada região. A esse respeito, Oliveira (2006) afirma que, no Brasil, o processo de implantação da psicanálise se desenvolveu de um modo fragmentado e bastante diversificado, e isso se deu por diversos motivos: a temporalidade (oficialmente, até o começo dos anos 1970, a psicanálise havia sido implantada apenas no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre); às particularidades inerentes ao processo de urbanização de cada região; e às diferentes filiações culturais dos intelectuais de cada região.

Essa perspectiva se sustenta no reconhecimento de uma profunda multiplicidade de formas de se organizar o saber psicanalítico, multiplicidade que invariavelmente será atravessada por elementos das vias discursivas nas quais se dá essa apropriação, gerando efeitos radicais tanto no que tange à práxis analítica quanto na forma de conceber o campo conceitual da psicanálise (Mezan, 2014). Assim, concebemos como fundamental para a compreensão de como se deu a chegada das ideias psicanalíticas em um determinado lugar, que se leve em conta a configuração de certos fatos históricos característicos da região em questão. É numa confrontação entre os dizeres dos sujeitos envolvidos nessa chegada, com certos elementos do aparato mental da época estudada (Roudinesco, 1995), que situamos a perspectiva de se trabalhar com a história da psicanálise no presente trabalho.

Partindo dessa confrontação entre os dizeres, e as condições nas quais elas foram possíveis, destacamos o lugar fundamental ocupado pelas fontes primárias no trabalho historiográfico. Tal lugar é consequência do reconhecimento de que documentos, falas, cartas, crônicas, bem como qualquer tipo de material produzido na época em questão, se constituem como a mais valiosa fonte de informação acerca da história daquilo que se pesquisa (Roudinesco, 2006). Reconhecendo a importância de dar voz ao documento, conduzimos nossas pesquisas com fontes primárias nos arquivos e bibliotecas da cidade de Belo Horizonte, que dispunham de material referente ao nosso objeto: o Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG (CEMEMOR), a biblioteca do Instituto Raul Soares, a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o Arquivo Público Mineiro e a biblioteca do Hospital Galba Velloso. Ao procedermos ao mapeamento das fontes nos deparamos com a escassez de publicações ou referências a trabalhos relacionados à psicanálise no período em questão. Assim, como são poucos e raros esses materiais, visamos trabalhar com todas as fontes conhecidas, bem como com os autores que as produziram.

Situando-nos nessa perspectiva, lembramos que a narrativa que emerge do trabalho historiográfico não é dada a priori, sendo uma verdadeira construção. E é na condição de



ferramentas para conduzir este trabalho que utilizaremos certas noções psicanalíticas como chave de leitura dos acontecimentos, buscando torná-los inteligíveis sem forçar uma compatibilidade. No entanto, é importante afirmar que não se trata de colocar a história no divã, numa ingênua tentativa de fazer da psicanálise uma chave única de leitura para sua própria história. Trata-se sim de reconhecer a profícua solidariedade entre os dois campos de trabalho (Gay, 1989). Enquanto na psicanálise o trabalho é conduzido em termos de uma narrativa singular, no trabalho histórico tem-se como objeto certos elementos de uma história coletiva. Compõe a singularidade das narrativas, na concepção de Gay (1989), um imperativo moral, um estratagema político e, ainda, “respostas a pressões internas sendo no mínimo em parte, traduções de necessidades instintuais, manobras defensivas, antecipações ansiosas. Neste sentido abrangente os produtos mentais emergem como compromissos” (p. 16).

No cruzamento entre ambas as disciplinas, o fazer do psicanalista pode ser enriquecido com noções históricas que possibilitem a compreensão dos modos de constituição das subjetividades de determinada coletividade. Já o historiador passa a dispor de chaves de leitura para compreender, em seu trabalho, as alianças feitas entre sujeitos, os conflitos que invariavelmente atravessarão seu percurso, ou ainda o que emerge enquanto aparentemente irracional em seu objeto, com noções de solução de compromisso, conflito, desejo ou pulsão.

Diversos exemplos podem ser apontados para se ilustrar a perspectiva historiográfica na qual nos inserimos. Lembramos como, em termos gerais, são identificados os campos da psiquiatria e do modernismo como as principais vias de entrada das ideias psicanalíticas no país, bem como o quanto isso se deu de modo singular, a depender da região do país na qual se operou tal apropriação (Oliveira 2002; 2006). Diante das especificidades regionais, destacamos o caso de São Paulo, onde a psicanálise emerge mais como um saber sobre a cultura, com vistas a responder a intensa crise diante da falta de identidade de seus cidadãos devido ao rápido crescimento e configurações do lugar (Oliveira, 2006). Podemos citar também o Rio de Janeiro, local onde a psicanálise surge em interlocução contígua com a psiquiatria, altamente desenvolvida na então capital nacional, a partir de uma nova terapêutica para a loucura - dentre várias outras (Nunes, 1988). Podemos apontar, ainda, como isso se deu em Salvador, cidade na qual a psicanálise ganha espaço no seio de uma discussão a respeito das origens da loucura, num campo de debates ligados a questões raciais (Menezes, 2014), ou em Porto Alegre, local onde a chegada da psicanálise foi atravessada pelas condições de proximidade geográfica e cultural da Argentina, sendo os primeiros leitores de Freud altamente influenciados pelo que se discutia no país vizinho (Gageiro & Torossian, 2014).

No que se refere ao presente trabalho, que tem como objeto a chegada da psicanálise em Minas Gerais, uma das balizas culturais que marcaram toda a chegada das ideias freudianas, durante seus primeiros anos, foi a força da religião católica nesse estado.



Sendo Minas Gerais um estado brasileiro intensamente marcado pelo catolicismo durante a primeira metade do século XX, vemos o crescimento de Belo Horizonte - inaugurada em 1897 - oscilar entre uma fascinação com a religião e a chegada do liberalismo (Caldeira, 2011). No entanto, pode-se observar que mesmo a chegada das novidades sociais, tecnológicas ou científicas, acabaram por resvalar em alguns fundamentos católicos, ou mesmo a sofrerem resistência por parte desse setor religioso.

O conflito entre a força da religião e a modernidade pode ser observada tanto nos aspectos mais simples do cotidiano mineiro, quanto em questões mais amplas, tais como os debates sobre o idioma português. É o que nos demonstram diversos textos da época, a exemplo das crônicas escritas por Carlos Drummond de Andrade e publicadas no *Minas Gerais*, Órgão Oficial da imprensa dos poderes do Estado. Nelas, vemos as constantes tensões que passaram a se organizar, nas décadas de 1910 e 1920, em torno de questões relativas ao lugar da mulher, dos relacionamentos entre os sexos, os costumes religiosos e as crenças populares (Andrade, 1987).

Tais relações podem ser exemplificadas com os comentários de Carlos Drummond de Andrade acerca das superstições religiosas. Segundo ele, Santo Antônio - o santo casamenteiro - não precisaria se espantar com a impressão de que seu prestígio diminuiu com a chegada das modernidades e com "a extinção das fogueiras e a decadência das tradições" (Andrade, 1987, p. 152). Elas passaram, mas o prestígio do santo continuava, dado "haver sempre a necessidade do milagre, e o desejo e a esperança deles sobre a terra" (p. 152). Assim, ele afirma que tais milagres continuam "sendo os mais suplicados de todos, pelos lábios e corações femininos", de modo a "arranjar um devoto bom para cada devota, bonita ou feia, que receia atravessar a vida sozinha, ou tal modo que devota nenhuma fique sem companheiro e que todos, abraçados dois a dois, devotamente penetrem no paraíso" (p. 152).

Outro ponto fundamental para a presente reflexão refere-se às influências exercidas por outras metrópoles sobre a recém construída Belo Horizonte. Desde seu planejamento, aspectos tanto do Rio de Janeiro e de São Paulo quanto de Londres e Paris influenciaram o modo como se desenvolveu a nova capital mineira. Tal como veremos, essa influência não foi sem consequências para o modo como Freud foi apropriado em Minas Gerais.

Assim, tentaremos demonstrar ao longo desse artigo o modo como Freud foi lido e comentado em terras mineiras ao longo da década de 1920, situando-se entre ataques impiedosos e defesas peculiares sendo, tanto uns quanto outros, atravessados pela questão religiosa proposta pela Igreja Católica. Para tanto, torna-se fundamental apontarmos algumas das características de como os saberes psiquiátricos e modernistas se organizaram em Minas Gerais para, a partir daí, destacarmos o espaço no qual as ideias psicanalíticas ganharam espaço.



A psiquiatria mineira no início do século XX e a incipiente interlocução com a psicanálise

Para compreendermos as condições sobre as quais se deu a chegada de ideias freudianas no campo psiquiátrico mineiro, torna-se fundamental apontarmos brevemente algumas das bases dessa especialidade médica no país à época. No início do século XX, reinava uma perspectiva organicista – fundada, sobretudo a partir do Kraepelin – no que se refere ao trabalho psiquiátrico no Brasil. Essa concepção, como esclarece Pessotti (1999), sustenta-se em um organicismo que define a loucura, uma vez que a condição para todo e qualquer tipo de diagnóstico se pauta na suposição de algum déficit orgânico, seja como causa direta, seja como pano de fundo para questões sociais. Desse modo, a psiquiatria brasileira, intensamente influenciada pela proposta kraepelineana, concebia a loucura como consequência de um corpo doente. A partir disso, esse saber teve como lugar privilegiado o hospital psiquiátrico, onde todas as técnicas, “sem exceção, eram praticas coercitivas de proteção do grupo social contra as ameaças que a individualidade louca poderia efetuar. Através do sacrifício do corpo, os psiquiatras buscavam desativar os mecanismos da loucura” (Rocha, 1989, p. 35).

No entanto, essa perspectiva dominante não atendia aos objetivos de alguns psiquiatras, que passaram a demonstrar “o anseio por outra abordagem, visto que o organicismo radical não mais correspondia às expectativas que se nutriam quanto a ele” (Rocha, 1989, p. 30). É a partir desse furo apresentado pelo saber organicista que alguns desses médicos vão buscar a psicanálise como uma alternativa, apropriando-se de elementos da teoria freudiana, tais como as explicações de etiologia sexual para os fenômenos mentais e o privilégio da relação médico-paciente no tratamento. A psicanálise, desse modo, encontra espaço na psiquiatria do início do século XX não como um saber que subverte a lógica médica, mas como uma alternativa ao organicismo enquanto teoria das causas da loucura. Assim, ela foi apropriada por esses psiquiatras não como um campo que mantém uma relação de exterioridade com a medicina – tal como destacado por Freud em *A questão da análise leiga* (1926/1996b) –, mas como uma dentre várias possibilidades no próprio interior da psiquiatria. Moretzsohn (1989) exemplifica esse fato, ao citar a psicanálise como uma terapêutica psiquiátrica, ao lado da psicocirurgia ou da contenção física. Esse autor nos brinda ainda, ao comentar sobre os notáveis psiquiatras mineiros, com referências à psicanálise e à leitura de Freud por parte desses sujeitos, mais como um indicativo de erudição do que como um interesse clínico específico.

Tais condições podem ser destacadas, de um modo geral, como sendo o solo em comum sobre o qual foram possíveis as leituras de Freud em todo o país. No entanto, o modo como a leitura da psicanálise floresceu em cada região se deu de um modo específico. Assim, focaremos o trabalho no desenvolvimento da psiquiatria em Belo Horizonte, por reconhecer que na capital mineira houve condições para a chegada de ideias freudianas de



um modo particular. Apontamos que pela via psiquiátrica, a apropriação se deu tanto na Faculdade de Medicina, quanto no Instituto Raul Soares (IRS), assim como nas discussões relativas às questões educacionais em voga na época.

A Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi criada em 1911 - precedendo a Faculdade de Medicina de São Paulo, criada em 1913 -, e teve sua aula inaugural um ano depois, como destaca um de seus fundadores, Aurélio Pires (Pires, 1927). É fundamental destacar aqui que a crescente capital ansiava por se tornar um grande centro, e para isso se desenvolveu com a apropriação de vários aspectos das outras grandes cidades da época, como Rio de Janeiro e São Paulo. Essa característica belorizontina não se fez diferente na elaboração dos estatutos da nova faculdade, uma vez que a ela teria como objetivo “o ensino teórico e prático das matérias que constituem o curso das Faculdades de Medicina da República” (Faculdade de Medicina, 1911, p. 2)¹. Inspirando-se em outros cursos de medicina do país, a recém-criada Faculdade de Medicina de Belo Horizonte teve o Rio de Janeiro como grande referência, de modo que para sua organização, foi tomado “como base o ensino teórico e prático das matérias que constituíam o curso da Escola de Medicina do Rio de Janeiro” (Corrêa & Gusmão, 2011, p. 107). Nessas condições, e reconhecendo a força do campo psiquiátrico carioca na época, as disciplinas relacionadas à psiquiatria da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foram ocupadas exclusivamente por médicos formados no Rio de Janeiro durante suas primeiras décadas.

Essa filiação à psiquiatria carioca nos aponta uma característica que se fez sentir, posteriormente, na organização do campo psiquiátrico em Minas Gerais. Intimamente ligada à concepções de prevenção, grande parte dos psiquiatras da então capital nacional se encontrava engajada em projetos higienistas, ou seja, fundando-se em uma concepção normativa dos comportamentos - dentre eles os sexuais - para buscar controlar e evitar os desvios dessa “normalidade”. Tendo um dos focos na infância, as práticas higienistas se fundavam num projeto de construção de adultos saudáveis, visando melhorias nas condições de vida da população, e essa foi uma das vias por onde noções freudianas emergiram com grande força, principalmente enquanto teoria que dispunha, na leitura dos psiquiatras, de ferramentas para trabalhar a sexualidade infantil. Nesse meio - acadêmico e higienista - emergiram importantes figuras da psiquiatria brasileira e da história da psicanálise no país, como Julio Pires Porto-Carrero ou Antonio Austregésilo (Nunes, 1988), figuras que foram presentes na história da psicanálise em Minas Gerais, seja participando de eventos, seja pela influência direta sobre os psiquiatras que vieram trabalhar em Belo Horizonte.

Cabe assinalar também que a psiquiatria belorizontina, para além da Faculdade de Medicina, teve um lugar privilegiado de atuação no Instituto Raul Soares. Inaugurado no

¹ Todas as transcrições feitas ao longo do texto seguirão o português com o qual as fontes foram escritas originalmente.



ano de 1924, o IRS tinha como um dos seus objetivos ser o local “onde será feito o ensino de Clínica psiquiátrica e de Clínica Neurológica” (Pires, 1927, p. 438). Assim, o IRS e a Faculdade de Medicina se constituem como os principais polos de conhecimento da psiquiatria mineira nessa época. Com grande participação dos profissionais do Instituto nas aulas e nas discussões a respeito dos temas em psiquiatria e neurologia, o Raul Soares também se tornou fundamental para o surgimento de ideias psicanalíticas em Minas Gerais. Foi justamente o IRS que trabalhou na contratação de dois dos principais psiquiatras abertos a ideias freudianas em Minas Gerais: Iago Victoriano Pimentel e Galba Moss Velloso.

O primeiro deles, Iago Pimentel, assina um acontecimento marcante no que tange à história da psicanálise em Minas Gerais: a publicação do primeiro texto acerca das ideias freudianas no estado, vinculado ao projeto pioneiro da tradução de um texto psicanalítico para português. Esse texto, intitulado *Sobre a psycho-analyse*, foi publicado na segunda edição de um periódico modernista belorizontino, chamado *A Revista*, editado por Carlos Drummond de Andrade².

Já no início desse trabalho, observamos Iago Pimentel afirmar ser “a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada” (Pimentel, 1925, p. 14). Com essa apresentação, Pimentel define o objetivo de “dar aqui, em ligeiros traços, um rápido apanhado, remetendo o leitor, que tiver interesse em melhor conhecê-la” (Pimentel, 1925, p. 14). Observamos, já na publicação inaugural sobre psicanálise no estado de Minas Gerais, um alerta: Freud era lido, comentado e divulgado no país sem o rigor exigido para se conhecer as bases do campo de saber proposto por ele. Levantamos aqui duas hipóteses acerca de possíveis alvos dessa afirmação.

A primeira delas se refere a um lugar que se constituiu como privilegiado para a circulação das ideias freudianas no Brasil à época, a saber, aquele que definia a psicanálise como uma doutrina pansexualista³. Tal perspectiva, como bem destaca Oliveira (2002), advém da forte filiação francesa dos médicos brasileiros, que liam em Freud um autor que tinha como principal referência o sexo. No entanto, se na França isso se constituía como alvo de fortes críticas, no Brasil foi um dos pilares da difusão da psicanálise nesse período no meio médico e pedagógico, uma vez que fornecia elementos justamente para aprimorar o projeto de controle sexual das populações.

² Essa foi a única referência direta à psicanálise presente n'*A Revista*. No entanto, tal como demonstraremos adiante, o movimento modernista mineiro se constituiu para além desse periódico, sendo a psicanálise uma presença comum em outros grupos com essa temática.

³ A respeito da leitura pansexualista que era feita da psicanálise, Freud demonstrou por diversas vezes seu equívoco, afirmando a teoria psicanalítica ser dualista, sem haver a primazia dos instintos sexuais sobre os instintos do eu, e, posteriormente, sobre os instintos de morte (Freud, 1922/1996g; 1923[1922]/1996d; 1925[1924]/1996c). No entanto, para a presente pesquisa, destacamos a leitura pansexualista da psicanálise não como um equívoco em relação a uma leitura “correta”, e sim como uma das formas possíveis de se apropriar da psicanálise em determinado local, como por exemplo o Brasil ou a França.



A segunda hipótese que levantamos a respeito dessa fala se refere a uma perspectiva de se conceber a psicanálise enquanto atravessada por fundamentos católicos. Também lendo a psicanálise como uma doutrina pansexualista, a igreja católica se posicionou contra Freud de maneira intensa em Minas Gerais. Criticando não apenas a noção de pansexualismo, mas também as ideias desenvolvidas por Freud a partir de *Totem e Tabu*, os religiosos se constituíram como a principal resistência à chegada das ideias psicanalíticas no estado. Dessa tensão, alguns laços foram sendo construídos, tal como demonstraremos adiante. Essa segunda hipótese ganha consistência também ao situarmos a oposição, por parte da igreja católica, às ideias propostas por Iago Pimentel para o campo educacional⁴.

Assim - e apontando dois possíveis interlocutores para suas críticas -, vemos Pimentel (1925) apresentar, primeiramente, um resumo de como ele concebia a psicanálise enquanto uma teoria psicológica, tal como demonstra o trecho abaixo:

Freud tem uma concepção dynamicamente da vida psychica, que ele considera como um systema em evolução de forças antagonistas e componentes; só uma pequena parte dessas forças constitue o consciente do indivíduo, em opposição a outra parte, o inconsciente, composto de elementos muito mais numerosos e, sobretudo, muito mais activos no determinismo da actividade mental. Estes últimos elementos, em geral de conteúdo erótico, estando, muito freqüentemente, em opposição com as tendências da personalidade consciente do indivíduo, educado e submetido às coersões moraes, ethicas e sociaes da civilização, ficam como que regeitados no inconsciente e ahi são mantidos por uma força de resistência. Mas, por estarem reprimidos, esses elementos, não perdem o seu dynamismo e continuam permanentemente a influenciar os phenomenos psychicos, esforçando-se constantemente por virem á tona da consciência, que não os podendo tolerar na brutalidade de sua oudez, só os recebe disfarçados e desfigurados e os exteriorisa, symbolicamente, por meio de vários phenomenos: no homem são, por tendências artisticas, literárias, particularidades do character, sonhos, etc; no doente, por obsessões, hallucinações, delírios, dissociações da consciência da personalidade, em uma palavra, por symptomas de nevrose e psycho-nevrose. Tal é, em resumo, a doutrina de Freud ou psycho-analyse (p. 14).

Com essa discussão acerca de elementos da teoria psicanalítica, Pimentel parece demonstrar uma ruptura com o modo pelo qual a psiquiatria brasileira se apropriava das ideias freudianas. Em sua pena, a psicanálise é, de fato, apresentada como uma teoria específica, com noções próprias e um sistema psíquico fundado numa dinâmica característica. Concebido como um jogo de forças entre inconsciente e consciente - sendo tal divisão ocasionada pela educação e submissão do indivíduo às questões éticas, morais e sociais da civilização - o psiquismo adquire contornos próprios e independentes dos da medicina. Fortemente influenciado pela primeira tópica freudiana, Iago Pimentel

⁴ A igreja católica chegou a fazer resistência à contratação de Iago Pimentel para a regência da cadeira de psicologia educacional da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte nos fins da década de 1920.



compreende como fundamental a divisão entre os dois sistemas, sendo que os elementos que determinarão o que fica em cada um deles serão fornecidos pela educação e pela cultura.

Outro aspecto que consideramos importante nessa apresentação é o modo como a psicanálise surge não apenas como uma teoria do sofrimento psíquico, mas como algo que traz perguntas e respostas próprias também ao campo da saúde. Essa concepção, em consonância com as discussões realizadas por Freud, principalmente em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1996h), retira a psicanálise especificamente do campo da loucura, para concebê-la como uma teoria da subjetividade em geral, tanto daqueles saudáveis quando dos que adoecidos (sujeitos com sintomas de neurose e psico-neurose, tal como aponta Pimentel). Isso fica ainda mais claro em outra passagem, quando o autor afirma que a teoria freudiana “não só vinha dar explicação dos *symptomata* mórbidos que de que se ocupava o médico, como ainda vinha oferecer a chave do enigma das mais variadas manifestações *psychicas*” (Pimentel, 1925, p. 15). Assim, vemos ser novamente marcada a ruptura com relação à apropriação geral que a psiquiatria fazia da psicanálise, já que Pimentel parece ler em Freud mais um sistema de pensamento com a proposta de uma teoria da subjetividade do que como um acessório para tratar a loucura.

Após essa discussão acerca de vários elementos da teoria psicanalítica, Pimentel (1925) volta seu olhar para o destaque que a sexualidade possuiria para a vida psíquica, segundo a psicanálise. A esse respeito, o autor afirma que

quem, com efeito, de animo isento, voltar-se introspectivamente para si ou observar serenamente as manifestações mais intensas e mais sublimadas da alma humana – a arte e a religião – não poderá deixar de se curvar diante da realidade, desagradável; talvez, mas iniludível como uma evidência: religião e arte, desde as suas mais simples até as suas mais transcendentemente expressões, não passam de um manto, mais ou menos espesso, mais ou menos transparente, em cujas dobras se esconde, se embuça se ou desfigura o instinto sexual. É só levantar o manto e querer procura-lo; infallivelmente elle lá estará transfigurado no êxtase dos mysticos ou hediondamente nú, nas tentações hallucinantes dos anachoretas (p. 15).

Esse trecho nos aponta uma importante característica do pensamento do autor. Se por um lado ele destaca a necessidade de se ler Freud no original, por outro ele parece também sofrer influência do que se debatia em outros estados brasileiros a respeito da psicanálise, no que se refere à apropriação desse saber pelo viés do pansexualismo. Esse aspecto curioso pode indicar que, mesmo demonstrando certa autonomia de pensamento, buscando apresentar a teoria freudiana em seus elementos próprios – fato raro no Brasil da década de 1920 -, ele ainda parece sentir a influência de sua formação no Rio de Janeiro e do que se discutia por lá. Ao afirmar que sob todas as manifestações da alma humana, mesmo as mais sublimes, se esconde o instinto sexual, Pimentel dá mostras de compreender a psicanálise como uma teoria que coloca o sexo como aspecto central da subjetividade. No entanto, um



distanciamento da leitura pansexualista é visível – e mesmo claro -, uma vez que ele destaca possibilidades referentes à sublimação, que tem como efeitos a religião e a arte.

Inclusive, se é no registro dessa leitura que se situam as tentativas de a psiquiatria se apropriar da psicanálise ao longo dessa década - fornecendo elementos teóricos para a possibilidade de uma educação sexual, vindas dessa teoria apresentada como pansexualista -, isso não se repetiu com tal intensidade em Minas Gerais. Vemos que nesse estado, a psiquiatria, em sua vertente ligada à pedagogia, se aproxima mais timidamente de Freud durante essa década, criando vínculos mais claros com este autor apenas na década posterior, quando a psicanálise deixa de ser vista pela via do pansexualismo.

Assim, e para além do texto de Pimentel – que já marca um certo distanciamento dessa perspectiva -, nesse momento, o que destacamos é que a difusão das ideias de Freud no meio psiquiátrico parece se direcionar mais para um enriquecimento da clínica médica do que da prática pedagógica. É o que nos testemunha Pedro Nava (1978), quando da época de sua formação, em uma fala que envolve o outro psiquiatra contratado pelo IRS, Galba Velloso:

Nossos professores do sexto ano foram: ... Washington Ferreira Pires, neurologia; Galba Moss Veloso, Livre Docente regendo Psiquiatria (...) Muito atualizado, Galba procurou nos dar conhecimento aproximado da importância da psiquiatria, da classificação das doenças mentais, detendo-se sempre, na prática, quando os pacientes do Raul Soares lhe permitiam mostrar seus quadros ao vivo. Mais do que isto, foi do Galba que ouvimos os primeiros ensinamentos sobre o valor da psicanálise como recurso de indagação psicológica e a profunda revolução que Freud e seus seguidores representavam para a psiquiatria (p. 381).

Tal citação, que na obra naveana nos indica o ano de 1927, aponta que o recém contratado professor Galba Velloso se constituía como uma referência para o estudo da psicanálise na Faculdade de Medicina. Mas não deixa de ser interessante que, se havia essa leitura, era pra apontar a importância que a psicanálise representava no interior da própria psiquiatria. Assim, os ensinamentos da psicanálise eram, de fato, tratados mais como uma referência a mais no campo psiquiátrico. Freud era utilizado mais para o enriquecimento tanto da psiquiatria quanto da clínica médica em geral, e não como a proposta de uma teoria com contornos próprios, tal como Pimentel tentou demonstrar. Acerca dos usos da psicanálise para a medicina em geral, nos deteremos novamente em outra citação longa, porém necessária, de Nava (1983):

E como a conversa dos doentes é reveladora! Como todos, mesmo os chatos, se tornam interessantes quando falam de seus males. O Egon⁵ sabia dessa necessidade de conversar com o paciente, aprendera isso do Ari e não só do Ari, mas de outros médicos e amigos – Galba Velloso e Iago Pimentel – que primeiro tinham lhe falado de Freud. Ele tinha lido alguma coisa do bruxo

⁵ Cabe destacar que “Egon” era um heterônimo utilizado por Nava em grande parte de suas *Memórias*.



de Viena (...) e vira que sem conversa não se chega a nada e que é conversando que a gente se entende. Lera os livros nas traduções da Payot. Não sabia bem porque, mas destas pessoas e destes livros é que viera sua mania de conversar com os doentes, de pesar as palavras deles e depois as suas. (...) Para isso, não dizer nada em vão. Policiar suas palavras porque elas iam ficar gravadas para sempre no coco dos pacientes (pp. 213-214).

Reconhecemos aqui, dessa forma, a influência que a psicanálise exerceu sobre a prática clínica de Pedro Nava. Tal como aponta Vale (2009), mais do que um instrumento para as considerações acerca da sexualidade, alucinações ou sintomas neuróticos, a leitura do *Bruxo de Viena* foi determinante para o modo como Nava operava na relação médico-paciente, no interior de seu trabalho médico. Tendo em vista sua formação médica, reconhecemos que essa perspectiva pode ter sido um lugar-comum no currículo da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

A fala naveana nos indica ainda para um nome fundamental para o presente trabalho: o neurologista Washington Ferreira Pires. Formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914, Pires foi interno dos professores Antônio Austregésilo e Miguel Couto. No ano de 1922, foi contratado como o primeiro professor especificamente de neurologia da Faculdade de Medicina, tendo sido efetivado em concurso público no ano de 1926.

Sua contribuição marcante para a história da psicanálise em Minas Gerais pode ser destacada de sua fala na II Conferência Nacional da Associação Brasileira de Educação, ocorrida em Belo Horizonte, no ano de 1928. Tais eventos, que tinham função capital no seio da Associação, uma vez que neles eram discutidas as diretrizes fundamentais ao campo educacional no país, inseriram-se no amplo debate pedagógico que se organizava no Brasil à época. Esse evento contou com diversos leitores e comentaristas de Freud, dentre os quais Iago Pimentel e Julio Pires Porto-Carrero. É justamente da apresentação deste último que Washington Pires (citado em Silva, 2004) ficou responsável, iniciando sua fala do seguinte modo:

sois um dois poucos brasileiros estudiosos que se atêm aos estudos da Psicanálise, e é com sinceridade que o fazeis. No nosso meio não é usual a prática do método do grande Freud. E dentre os poucos que o exercem, tenho para mim uma pontazinha de vaidade porque o pratico, e na medida fraca de minha pouca força eu expliquei aos meus alunos, quer aqui, quer quando das aulas de Psiquiatria Forense, quer na Faculdade de Medicina, no caso das aulas sobre neuroses (p. 109)⁶.

⁶ Arlete Pinto de Oliveira e Silva é a coordenadora dos arquivos da ABE e organizadora de um trabalho contendo uma série de transcrições de falas e textos apresentados durante a II Conferência Nacional de Educação, assim como uma série de comentários sobre o evento. Esse importante trabalho contém, dessa forma, uma compilação de fontes primárias e comentários acerca das mesmas. Por esse motivo, as citações de falas do evento, mesmo que sejam as dos participantes, serão referenciadas à sua obra.



Destacamos que Pires, ministrando a disciplina de neurologia na Faculdade de Medicina, de fato tomava o tema da neurose como objeto de discussão em sala de aula, dividindo espaço com elementos de neurologia, tais como a avaliação da motilidade, da linguagem - em termos orgânicos -, ou dos reflexos (Pires, 1928). Após as apresentações, o conferencista discorre sobre alguns elementos do modo específico como ele concebe a psicanálise.

Um ponto que se destaca na fala de Pires é o acontecimento que o levou a estudar a psicanálise. Narrando um atendimento que havia feito quando ainda trabalhava no interior, ele descreve uma senhora em vias de ficar cega que buscava saber como sonhar mais coisas bonitas. Esse evento o comoveu a tal ponto que, como afirma, “eu me resolvi a estudar o mistério do sonho, e por aí foi que me fiz um praticante da Psicanálise. E estudei a história da Psicanálise, a Bíblia...” (Silva, 2004, p. 111).

A partir desse momento, ele se utiliza de vários elementos da narrativa bíblica da origem do ser humano para explicar elementos do psiquismo utilizados por Freud.

Um primeiro exemplo surge já no comentário sobre o mito do nascimento de Eva, uma vez que Pires explica que “então, Jeová, mergulhando Adão em um sono profundo, dele retirou uma costela, da qual fez a mulher, que lhe deu por companheira e a que chamou de Eva. Jeová fez, assim, a primeira psicanálise” (Silva, 2004, p. 111). Posteriormente, afirma que o narcisismo havia nascido de um descuido de Jeová, que acabara por criar um espelho das águas, o que levou Eva a observar seu próprio reflexo, fascinada, de modo que “mirava o seu rosto e o seu colo, e, já numa garridice mulheril, enovelando os cabelos, prendia-os com longo espinho da figueira do inferno” (Silva, 2004, p. 111). Segundo o conferencista, desse episódio Eva teria tido um sonho que, ao contar para Adão, este teria feito a “primeira interpretação do primeiro sonho da primeira mulher e, depois nunca mais faltaram à Humanidade os motivos simbólicos para a Psicanálise” (Silva, 2004, p. 111). Pires parece ainda ter traçado uma linha em comum entre a narrativa de Caim e Abel e o texto freudiano *Totem e Tabu* (1913/1996i), ao afirmar que um irmão teria matado o outro para “eliminar um concorrente à posse do primeiro clã” (Silva, 2004, p. 112), o que nos levaria, até os dias atuais, a rebuscar o inconsciente, insatisfeitos, numa grande ansiedade.

Seguindo essa linha de pensamento, Washington Pires continua sua conferência fundada em uma mistura de elementos psicanalíticos e bíblicos para explicar ou citar outros conceitos metapsicológicos, como recalque, superego, ou inconsciente.

De tais elementos, salta aos olhos o modo pelo qual a psicanálise era concebida pelo neurologista Washington Pires: como uma teoria acerca do psiquismo, mas a partir de uma mescla com elementos católicos fundamentais, como a origem do próprio ser humano. Assim, de modo distinto de Iago Pimentel - que, como mostramos, tenta apresentar a teoria psicanalítica como uma teoria com contornos próprios, provavelmente em contraponto ao



catolicismo -, a psicanálise só se faz possível para Washington Pires justamente a partir de uma leitura na qual ela se torna compatível com os fundamentos católicos.

Dessa forma, a possibilidade de uma articulação com elementos do catolicismo parece ter sido a condição de leitura da psicanálise por parte de Pires. Como sabemos, essas leituras apresentam, normalmente, uma forte resistência aos elementos da sexualidade infantil, pilares da teoria psicanalítica (Santos & Kyrillos Neto, 2014). Não por acaso, levantamos a hipótese de que o autor, ao dizer que a psicanálise seria “uma verdadeira senha com que se abrem os sésamos mais cheios de misteriosos segredos”, mas que para isso devem ser “escoimada dos exageros doutrinários” (Silva, 2004, p. 112), se refere às noções de sexualidade como os exageros da doutrina freudiana. Assim, acreditamos que, para Pires, apenas após serem *escoimados tais exageros* que a psicanálise se faria possível – tanto em sua articulação com o catolicismo quanto em sua proposta de aplicação do saber psicanalítico. Consideramos, assim, que a apropriação das ideias psicanalíticas por parte de Washington Pires nos aponta para um laço fundamental entre igreja católica e a psicanálise.

Após tais considerações acerca de como a psiquiatria mineira se apropriou da psicanálise durante esse período - assim como das tensões que emergiram dessa apropriação -, passaremos agora para outra via de entrada das ideias freudianas em Minas Gerais. Tal como afirmamos na introdução desse trabalho, a arte - mais especificamente o movimento modernista - também se constituiu como um solo fecundo para a difusão inicial de algumas noções da psicanálise, assim como de resistências à teoria freudiana.

Os modernistas mineiros e a psicanálise

Em termos gerais, podemos caracterizar o modernismo como sendo um movimento artístico que começou a se desenhar na segunda metade da década de 1910, ganhando contornos nítidos a partir do ano de 1922, com a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo. Situando-se no campo de problemas concernentes à construção da identidade nacional nessa época, o modernismo rompe radicalmente com as ideias de europeização da nação brasileira - sustentadas por parte da *intelligentsia* do país -, para afirmar que o Brasil brotou de si próprio, possuindo marcas singulares em relação a outros países (Cantarino, 2012).

É a partir dessas bases que os modernistas buscarão em Freud alguns elementos para seu trabalho. Interessados nas leituras, principalmente, de *Totem e Tabu* (1913/1996i), *A interpretação dos sonhos* (1900/1996a) e os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996j), os modernistas viram em Freud alguém que poderia fornecer elementos para a reflexão desenvolvida no Brasil. No entanto, vemos que “não se trata, para os modernistas, de uma adesão à doutrina psicanalítica, mas de uma apropriação livre de alguns dos conceitos freudianos sem nenhuma filiação ou preocupação teórica” (Oliveira, 2006, p. 66). Com uma



apropriação de noções psicanalíticas mais como uma das bases de um pensamento próprio - sem, no entanto, reivindicar uma filiação teórica, ou apresentar um rigor metodológico -, vemos nos modernistas um movimento semelhante ao realizado pelos psiquiatras da época, no que tange ao modo livre de ler Freud. Assim, noções como inconsciente, instinto e recalque serão privilegiadas nesse projeto.

Tendo essas bases, cabe aqui destacar que, mesmo apresentando características bem definidas, não podemos considerar o modernismo como um movimento unívoco, homogêneo. Por exemplo, em São Paulo houve alguns grupos com ideias diferentes, todos caracterizados como modernistas - enquanto alguns desenvolviam temáticas mais radicais, outros se mantiveram mais moderados. Essa heterogeneidade se deu em outros estados do país, como é o caso de Minas Gerais, local onde circularam noções também relativas a uma identidade eminentemente mineira, ou seja, uma *mineiridade*.

O movimento modernista em Minas Gerais, de um modo geral, se organizou de modo semelhante ao que se passava em outros locais do país - principalmente em São Paulo. No entanto, sua fundamentação não se deu aos modos de uma cópia, mas pelo contrário, contou com diversos elementos próprios. Tal como demonstra Cury (1998), "se Belo Horizonte sofria influência renovadora das ideias estéticas vindas do Rio de Janeiro e de São Paulo, oferecia, igualmente, condições específicas para que elas frutificassem de modo original" (p. 13).

A partir dessa configuração, destacamos o surgimento, em Minas Gerais, de três grupos modernistas distintos, embora mantendo relações entre si: o grupo d'*A Revista*; o movimento da *Verde*, de Cataguases; e o tabloide *Leite Criôlo*.

Leite Criôlo, periódico que inicialmente tomou a forma de um tabloide, e posteriormente de um suplemento dominical do Estado de Minas no ano de 1929 utilizou o nome de Freud como base para suas reflexões. O grupo que publicava nesta revista era bastante amplo, contando com 56 autores de diversos estados, sendo que entre os mineiros se destaca a presença maciça dos ex-integrantes da *Verde* (Duarte, 2011).

Vemos esse grupo modernista próximo ao grupo da *Revista de Antropofagia* de São Paulo, tal como destaca Duarte (2011). É inclusive em relação ao movimento antropofágico que é publicado, em 15 de setembro de 1929, um texto de João Alphonsus intitulado *De Negra Fulô à Freud* no qual o autor aponta tal movimento como um fato passado (Filho & Cabral, 2012). Este texto marca um distanciamento do grupo ligado à revista *Leite Criôlo* do Movimento Antropofágico, uma vez que a revista mineira advoga que a posição primitivista deve prevalecer no movimento modernista em detrimento da antropofágica.

Quanto ao grupo organizado em torno do periódico *A Revista*, sabemos que nele se deu a publicação da primeira tradução de um texto freudiano no país. No entanto, curiosamente, apesar de essa abertura para trabalho o do Iago Pimentel, em todas as três edições do periódico não consta nenhuma outra referência ao Freud ou à psicanálise. Assim, mesmo que possibilitando uma publicação especificamente sobre psicanálise no periódico, pensamos que



a temática freudiana não se constituiu como fundamental para esse grupo tal como se deu para alguns paulistas.

No entanto, se n'A *Revista* a temática freudiana não se constituiu como base para as discussões realizadas, o mesmo não pode ser dito acerca da *Verde*.

Organizada por um grupo de artistas da cidade de Cataguases - o que atestava o rompimento com o eixo das capitais no que tange às produções modernistas -, a revista foi precedida pelo *Manifesto Verde*. Veiculando as bases do grupo, tal manifesto trazia a afirmação de que os modernistas de Cataguases constituiriam um movimento independente diante de quaisquer outros projetos, de modo que, nas palavras dos artistas, "acompanhamos S. Paulo e Rio em todas as suas inovações e renovações estéticas, quer na literatura como em todas as artes belas, não fomos e nem somos influenciados por eles, como querem alguns" (Verde, 1927, p. 1). Entretanto, não se pode negar a forte afinidade com o movimento modernista paulista - que funcionava como principal referência - ou mesmo a proximidade com membros de outros grupos, o que é atestado pela quantidade de textos publicados tanto por paulistas, quanto por cariocas, assim como pelos belorizontinos (Bueno, 2012; Sant'Ana, 2006).

A primeira edição saiu em setembro de 1927, seguindo a temática tal como apresentamos acima. Foi em seu quinto número, de janeiro de 1928, que um texto chamado "*Papel do instinto no mundo atual. Freud*", assinado pelo escritor Ascânio Lopes, se destaca para o presente trabalho.

Ascânio Lopes, nascido em Ubá - mas criado desde criança em Cataguases - foi um dos fundadores e integrantes do grupo Verde. Havendo sido amigo próximo de Carlos Drummond de Andrade e de Pedro Nava (Cury, 1998), Lopes se constituiu como um dos grandes autores do modernismo mineiro com uma obra marcante, ainda que breve. Aos 19 anos ele se muda para Belo Horizonte, com o objetivo de estudar na Faculdade de Direito de Minas Gerais. Porém, três anos depois, ele retorna para Cataguases, doente, falecendo apenas um ano depois. Em sua breve obra (Lopes viveu apenas até os 23 anos de idade), o autor demonstrou em seu estilo um intenso furor, o questionamento da vida agitada das metrópoles, ao mesmo tempo que sustentava a decadência da vida no campo, sempre em um tom ufanista, exaltando o Brasil e a brasilidade (Ruffato, 2005).

No texto em questão, vemos Lopes (1928), já de início, apresentar um problema:

antes de entrar no estudo da importante teze que epigrafa esse artigo, será necessária uma análise do papel do instinto na formação da sociedade e na organização do estado. A simples observação do mundo, na sua situação política atual, força-nos a concluir que o estado de organização vigente foi produto duma elaboração demorada. Por outro lado, a história da humanidade nos ensina que o mundo, como o vemos, assim não foi sempre (p. 13).



De antemão, já nos cabe reconhecer que a discussão se organiza em torno de uma perspectiva não naturalizada da sociedade. Em consonância com as propostas modernistas de transformação da ordem social vigente, Lopes nos apresenta uma concepção na qual a organização da sociedade se deu enquanto um processo político, mais do que natural.

Após caracterizar o homem enquanto um “animal essencialmente gregário” (Lopes, 1928, p. 13), o autor se pergunta de onde nasceu o sentimento de sociabilidade no homem, rejeitando totalmente a ideia de uma vida humana natural, anterior a quaisquer formas de organização social. Para ele, desde sempre houve alguma forma de estrutura social, sendo que ele distingue dois modos: uma sociedade primitiva e o período do estado.

Atravessadas desde seus fundamentos pela noção de instinto sexual, os dois modos de se organizar a vida coletiva tem em Freud suas bases. Quanto à sociedade primitiva, Lopes (1928) afirma:

Vejo no instinto a força giradora. Sinão, examinemos. Se acaso disermos que, no início, só existiam um homem e uma mulher (e temos que admitir a coexistência dos dois sexos, em face da reprodução), teremos de, ipso facto, admitir a doutrina de que a sua reunião nasceu, primariamente, da força do instinto sexual (p. 13).

Assim sendo, Lopes demonstra conhecimento da tese freudiana na qual o vienense afirma que a força que leva os indivíduos à união passa pela via da sexualidade, como discutido, entre outros textos, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1922/1996g). No entanto, e novamente em concordância com Freud, Lopes (1928) afirma que essa força instintual conduz os indivíduos a uma série de problemas, a partir da busca da satisfação integral dos instintos:

Os homens, reunidos em sociedade, pelos instintos, e imperiosa necessidade de satisfação deles, pela necessidade de defesa contra o meio ambiente, envolveram-se então em lutas em si. A satisfação integral dos instintos os levou a isso. As paixões nascidas deles, os atirou em conflito (p. 13).

Força imperiosa que impele os homens à satisfação, o instinto seria a causa de problemas no que tange à convivência entre as pessoas. É nesse ponto que Lopes destaca a segunda forma de estrutura social: o período do estado

A solução para os conflitos gerados pela incessante busca de uma satisfação integral dos instintos levaria, segundo o autor, a uma necessidade de se renunciar a uma parte deles, ou seja, à “limitação dos direitos e dos deveres de cada um, na coletividade, para a possibilidade de coexistência deles” (Lopes, 1928, p. 13). Essa temática a respeito de como os homens precisam renunciar às forças que os impelem à satisfação imediata, para a possível convivência em sociedade, foi uma constante na obra freudiana, obtendo contornos nítidos nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927/1996f) e em *Mal-estar na civilização* (1929/1996e). Este



último texto foi escrito, inclusive, após a publicação feita por Ascânio Lopes, o que demonstra que o jovem de Cataguases se mostrava atento às discussões feitas pelo Freud acerca de sua concepção de sociedade e das possibilidades e dificuldades decorrentes de uma vida em comum com outros indivíduos.

Assim, Lopes (1928) sustenta que

os instintos querem ser satisfeitos integralmente; na impossibilidade disso, por causa da vida em comum, e não devendo ser disólvida a sociedade, pelos perigos que a todos isso acarretaria, resolvem os omens limitar as raías de ação dos instintos, para a garantia da satisfação deles, ao menos em parte (p. 13).

Após isso, ele conclui o texto ressaltando que, mesmo com as limitações à satisfação instintual impostas pelo estado, não há como discordar que “a força geradora das mudanças sucesivas da sociedade umana é e será sempre a mesma: a satisfação dos instintos” (Lopes, 1928, p. 13).

Com essa conclusão do texto, fica claro a perspectiva modernista em Ascânio Lopes. Vemos isso por conta da relativização de sua concepção da organização social, abrindo a possibilidade para mudanças, destacando que a sociedade nem sempre foi assim, e pode ser mudada. Além disso, não deixa de ser fundamental reconhecer que Lopes tem na leitura de Freud uma de suas bases, contribuindo com uma teoria acerca da sociedade. Ao rodapé da página na qual o texto foi publicado há em destaque um “continua”. Infelizmente, o desenvolvimento desse argumento não foi possível, visto que Lopes faleceu antes da publicação da sexta edição, o que levou inclusive ao término das publicações da *Verde* (a publicação contou apenas com mais uma edição, escrita em homenagem ao falecido escritor). Novamente, e infelizmente, um projeto modernista envolvendo Freud não pôde ser desenvolvido.

É fundamental destacarmos que a leitura feita por Ascânio Lopes em muito se distancia daquela realizada por Washington Pires, no que se refere ao modo como Pires articula Freud com a bíblia. Ao mesmo tempo, pensamos que a apropriação feita por Ascânio Lopes da psicanálise não parece se distanciar muito daquela apresentada por Iago Pimentel em *A Revista*. Supomos isso pelo fato de Pimentel apresentar, tal como destacamos anteriormente, a psicanálise enquanto uma teoria que traz um modo específico de se pensar o psiquismo, com uma dinâmica definida entre satisfação e renúncia dos instintos, tal como Lopes aponta nesse texto.

Ainda nessa edição da *Verde*, cita-se brevemente o nome do Freud em um comentário do livro “*A estrella de absintho*”, de Oswald de Andrade, feito por Guilhermino Cesar. O autor do comentário, ao falar desse livro que conta a história de um escultor que se apaixona por uma prostituta chamada *Alma*, descreve essa personagem como tendo um



temperamento ultra - sensual (Freud...) de onanista insaciável. Etc. Decadência moral, objectivada pelo excesso de «caricias habituaes». Esgotamento histérico. Nevrose etc, e daí, a descoberta de um novo mundo nos seios «em pêra», pequeninhos, de Alma. Elástica. Serpentina. Flexuosa. Pequena «escolada» enfim, como se diz. Às vezes Oswald de Andrade abandona de lado o pessoal e cai, de prancha, num estado passageiro de lirismo sub-consciente. E faz poesia da bôa, quasi. Mal de prosador poeta (Cesar, 1928, p. 23).

Vê-se que o autor do comentário se utiliza de Freud para ilustrar a personagem criada por Oswald de Andrade. Podemos observar que os elementos psicanalíticos emergem nessa descrição mais como um apontamento do caráter “ultra-sensual” e sexual dos comportamentos da *Alma* do que enquanto uma modalidade de reflexão acerca da teoria psicanalítica, ou mesmo de uma extensão de seus elementos para a sociedade - tal como faz Ascânio Lopes.

No entanto, o que a princípio aparenta ser um uso ingênuo de elementos da psicanálise nos aponta para uma característica fundamental acerca de como Freud foi lido no país nessa época. Ao exemplificar um temperamento sensual citando Freud, nos parece que o autor acaba por se aproximar, mesmo que pela via de uma breve ilustração, daquela modalidade discursiva que se constituiu como uma das vias de entrada da psicanálise no Brasil durante a década de 1920, a saber, o pansexualismo.

Apontamos aqui um fato de grande importância para o presente trabalho. Destacamos que essa forma de se apropriar da psicanálise - enquanto uma teoria pansexualista - não surgiu na *Verde* exclusivamente nos comentários de Guilhermino Cesar. Na próxima edição da revista (que seria a última, devido ao falecimento precoce de Ascânio Lopes), circulou um texto de um dos maiores representantes do pensamento conservador e católico brasileiro: Alceu Amoroso Lima, com o seu pseudônimo Tristão de Athayde.

Lima, que se formou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1913, foi durante algum tempo adepto do movimento modernista - enquanto crítico e entusiasta (Gomes Junior, 2011). Gozou de forte prestígio na *Verde*, tendo uma obra sua (um livro de 1927, chamado *Estudos*) comentada na quinta edição do periódico. Tal obra - e autor - foram descritos na revista por Henrique de Resende, sendo caracterizados como “um livro, de clara orientação, que não só demonstra a solida cultura de um estudioso, mas também a ampla visão crítica de um moço, que se guinou, de um momento para outro, ao primado da crítica nacional” (Resende, 1928, p. 7).

Antes de discutirmos o texto publicado por Lima na *Verde*, cabe aqui um comentário. Se durante um período de sua vida ele foi próximo dos modernistas - chegando a publicar em seus periódicos -, no ano de 1928 Lima foi convertido ao catolicismo por Jackson Figueiredo, fundador do Centro Dom Vital. A partir daí, Lima torna-se um dos maiores teóricos e entusiastas do pensamento católico no Brasil. É de se destacar essa mudança de



pensamento realizada por Lima, uma “passagem da primeira para a segunda fase, do agnosticismo e do ceticismo crítico para a posição de campeão da fé no combate do catolicismo contra a modernidade” (Gomes Junior, 2011, p. 105). Esse destaque se dá pelo fato de que a publicação aqui em questão data de maio de 1929, ou seja, apenas alguns meses após ter se realizado essa brusca mudança no modo de Lima pensar a religião e a sociedade. Isso não se deu sem consequências para seu modo de conceber a psicanálise, como veremos agora.

O texto publicado por Alceu Amoroso Lima⁷ se refere ao dramaturgo italiano Luigi Pirandello. Inicialmente, o contexto no qual se dá a referência ao Freud passa pela descrição do que seria o homem, na perspectiva do Pirandello. Lima afirma que em diversos estilos literários ou teatrais, a existência do homem sempre foi algo marcante, para situar a perspectiva do dramaturgo italiano num sentido diferente deste: “toda a tragédia antiga, todos os *mysterios* medievais, todo o drama clássico, todo o teatro shakespeariano, todas as peças românticas, naturalistas ou simbolistas são fundadas sobre a existência do homem (...) Com Pirandello a coisa mudou. O homem desaparece” (Lima, 1929a, p. 19).

Apresentando tal concepção de homem, um homem marcado pela mitificação, que emerge mais enquanto estado de espírito do que enquanto substância, Pirandello rompe com as várias tradições, “desarticulando de todo o ser humano” (Lima, 1929a, p. 19). Fragmentado, “o homem passa a ser um mosaico. Desaparece o ser orgânico e funcional; desaparece o ser composto de alma e corpo, desaparece a unidade, a fusão, a concatenação, para surgirem apenas os blocos (Lima, 1929a, p. 19).

Nessas condições, Lima aponta que o homem pirandelliano é “o mesmo que Freud revelou em suas sondagens” (Lima, 1929a, p. 19): um homem desarticulado, não unificado, que não pode ser concebido o todo a partir da generalização de apenas uma de suas partes. Criticando essa facilidade de generalização das coisas em sua época, o autor descreve que esse movimento se constitui como um problema: “o erro, como sempre, é tomar a parte pelo todo. É generalizar logo. Como hoje em dia se faz a torto e a direito” (p. 19).

Se para ele, inicialmente, Freud teria sondado esse homem enquanto desarticulado, não unificado - tal como Pirandello -, ele segue a tendência universalizante da época. Inicialmente, ele afirma que

Freud, por exemplo, faz análises interessantíssimas do sub-consciente. E revelou a predominância sensível do instinto sexual, coisa aliás que a Igreja sabia há muitos séculos, pois nos confissionários de uma capela passam diariamente mais revelações da alma humana, que em todas as experiências *psycho-analyticas* publicadas pela «Imago», desde a sua fundação (Lima, 1929a, p. 19).

⁷ Optaremos aqui por citar o Alceu Amoroso Lima, mesmo que a publicação tenha sido assinada com seu pseudônimo, Tristão de Athayde.



A esse trecho, que aponta Freud como alguém que fez importantes análises do psiquismo humano, se segue outro, também de grande importância. Segundo Lima, “Freud, porém, só via as novas verdades que descobrira e passou de um jacto do sexualismo ao pansexualismo. Pois, desde que o Grande-Pan morreu, começaram a pulular os pequenos pan..” (Lima, 1929a, p. 19).

Tais considerações nos apontam alguns aspectos interessantes do pensamento publicado por Alceu Amoroso Lima. De início, vemos como o autor percebe a Igreja: como uma instituição de grande força intelectual, que já sabia de aspectos da teoria freudiana há séculos, pela via dos confessionários. Sabemos que a exaltação do catolicismo é uma das marcas do pensamento do autor durante o período recém-iniciado, o que é demonstrado em sua fala.

Outro ponto fundamental - e articulado à sua vinculação católica - é a crítica a esse movimento “pansexualista” feito por Freud. Se para Lima, a psicanálise é válida em alguns aspectos, como suas interessantes análises do sub-consciente, ou pelo reconhecimento da predominância do instinto sexual, Freud peca por só ver as novas verdades apontadas por ele, sustentando que o instinto sexual é a base da vida do homem. Se Freud é parcialmente válido enquanto um teórico do psiquismo, ele se equivocou, na pena de Alceu Amoroso Lima, ao ver o instinto sexual em toda a atividade humana. O pansexualismo é aqui visto como um erro, um equívoco cometido pelo Freud.

A postura apresentada por Lima, em sua relação com a psicanálise, não se limitou a essa publicação. Ainda no mesmo ano, o autor assinou um opúsculo chamado *Freud* que, mesmo tendo sido publicado no Rio de Janeiro, serve aqui como um forte exemplo de como seu pensamento antifreudiano se organizava, tornando-se fundamental para o presente trabalho. Nesse texto, Lima inclui Freud numa corrente de pensamento típica da época, fundadas em um individualismo e em um materialismo, juntamente a outros autores, tais como Marx e Nietzsche. Freud, sendo um “Nietzsche sem genio” (Lima, 1929b, p. 7), seria o responsável por procurar no ser humano um *infer-homem*⁸,

baixando no indivíduo, a cada momento, pela subordinação do consciente ao sub-consciente; baixando no indivíduo em sua vida cronológica, pela subordinação do homem civilizado ao homem selvagem; e baixando enfim, na escala biológica, pela subordinação do ser humano ao animal (Lima, 1929b, p. 10).

O autor, desse modo, vê em Freud alguém que buscou sustentar o homem enquanto uma criatura de instintos, havendo “a predominância do instinto sexual, não só sobre os demais instintos, mas ainda sobre toda a vida consciente do indivíduo” (Lima, 1929b, p. 10). Sendo assim, toda a concepção de psicologia proposta pela psicanálise estaria embasada

⁸ Em contraposição ao super-homem proposto por Nietzsche.



num materialismo fisiológico, de modo que Freud fez de sua doutrina um “puro psychologismo-biologista” (Lima, 1929b, p. 42).

Na perspectiva de Lima, Freud se constitui como um dos melhores exemplos de como o materialismo se mantinha forte à época. Marcando uma intensa *animalização* do homem, ele afirma que “nenhum pensador contemporâneo ousou expor, com tanta audácia, as teorias mais repugnantes ao que havia de mais delicado, de mais intangível na alma dos homens: a pureza do sentimento filial e o respeito pela inocência infantil. Freud ousou” (Lima, 1929b, p. 31).

Esse foco num suposto materialismo freudiano surge ainda nas considerações feitas por Lima dizem respeito a textos mais voltados à discussões religiosas escritos por Freud – marcadamente *Totem e Tabu* e *O futuro de uma ilusão*. Segundo ele, “foi no livro 'Totem e Taboo' que ele primeiro expoz as suas idéias sobre religião. E ha pouco acaba de completalas no seu 'Die Zukunft einer Illusion', de 1927, que é o seu vade-mecum materialista” (Lima, 1929b, p. 50). As ideias expostas por Freud em *Totem e Tabu* seriam ainda, segundo o autor, uma “fantazia ethnologica de Freud, que elle aceita como um dogma” (Lima, 1929b, p. 54). Após tais considerações, Lima descreve a teoria freudiana como sendo um “psychologismo pueril e que se contenta com pouco” (Lima, 1929b, p. 57).

Desse modo, a partir desses dois textos, podemos considerar que a apropriação da psicanálise feita por Alceu Amoroso Lima - semelhante a como outros autores - é atravessada pela leitura que via na psicanálise uma teoria pansexualista, sendo nesse registro que se inscrevem as críticas feitas ao Freud. Incompatível com as concepções ligadas à religião, uma leitura pansexualista da psicanálise se torna alvo de críticas por parte de um pensador religioso.

Acerca dessa postura de resistência ao freudismo, faz-se necessário apontar que ela não foi uma exclusividade de Minas Gerais ou do Brasil, indo ao encontro de uma postura adotada pela Igreja Católica em geral, a partir do final da década de 1920. O que vemos no Brasil, ilustrado pela postura de Alceu Amoroso Lima, mostra-se em consonância com o combate organizado pela Igreja contra a psicanálise, principalmente a partir da publicação de *O futuro de uma ilusão*, no ano de 1927. Chegando a envolver três papas, além de países como a Itália, a França e o México, a intensa resistência à psicanálise por parte dessa instituição partiu tanto da tese freudiana que assimilava a religião à neurose e à ilusão, quanto pelo fato de que “a psicanálise repousava numa concepção de sexualidade e da família inaceitável para ela. Foi assim que a igreja a rejeitou, vinculando a um pansexualismo” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 367). Desse modo, essa posição hegemônica da Igreja frente a psicanálise repousava, principalmente, em ataques às noções de sexualidade – principalmente ao que Freud aponta como a sexualidade infantil – e à família. Incompatíveis com a moral cristã, essa postura geral da Igreja Católica encontrou eco no Brasil e em Minas Gerais, pela via, principalmente, de Alceu Amoroso Lima.



Psicanálise e religião: uma formação de compromisso?

Após tais considerações, pudemos destacar o quanto a chegada da psicanálise em Minas Gerais se assemelha, em linhas gerais, ao modo como isso se deu no Brasil em geral, uma vez que a psiquiatria e o modernismo se mantiveram como as principais vias de implantação. No entanto, tal como afirmamos na introdução desse trabalho, a fragmentação característica da forma como a psicanálise chegou e se desenvolveu no país nos aponta para certas peculiaridades nesse processo. Se os trabalhos sobre a historiografia da psicanálise afirmam que Freud foi lido de um modo particular em cada região, o percurso realizado por nós nesse trabalho também aponta nessa direção.

Um primeiro ponto a se destacar nesse percurso é o modo como a psiquiatria se organizou. Sendo um saber intensamente influenciado pelo que se discutia no Rio de Janeiro, alguns dos primeiros psiquiatras a trabalhar em Minas Gerais se propunham a ler e discutir Freud, tanto em sala de aula quanto em revistas da época. Entretanto, se na então capital nacional se organizava uma discussão vinculando psiquiatria e pedagogia, tendo a psicanálise espaço no seio de uma discussão acerca da proposta de educação sexual, em Minas Gerais o saber psiquiátrico se aproximou mais da clínica médica do que do campo do ensino. Destacamos que, de fato, as discussões acerca dessa proposta de educação sexual nas escolas não foi algo que obteve grande repercussão nesse estado, visto que o poder da igreja católica sobre a educação era marcante. Ou seja, com a força do catolicismo na educação mineira da época, falar sobre sexo com crianças era algo inviável, de modo que por essa via a psicanálise não encontrou adeptos. Dessa forma, a psiquiatria parece ter lido o *bruxo de Viena* mais com o objetivo de enriquecer a clínica médica a partir de um fortalecimento da relação médico-paciente do que de apostar na necessidade de se abordar questões relativas à sexualidade para as crianças em idade escolar.

Outro ponto que merece destaque é a forma pela qual a discussão acerca de uma leitura pansexualista da psicanálise não obteve, em Minas Gerais, defensores tão ferrenhos quanto no Rio de Janeiro. Pelo contrário, na capital mineira, os psiquiatras parecem ter visto nessa leitura pansexualista de Freud mais um aspecto a ser criticado do que como um de seus pontos positivos. É o que nos atestam o texto de Iago Pimentel e a fala de Washington Pires. Enquanto o primeiro se dispôs a apresentar a psicanálise enquanto uma teoria que não se sustenta apenas na sexualidade – discorrendo acerca dos sistemas psíquicos, da saúde e das psiconeuroses, de campos como a arte e a religião -, Pires enuncia a psicanálise enquanto uma teoria possível de se mesclar com o catolicismo, desde que sejam *escoimados os exageros doutrinários*.

Já no que tange ao modernismo, cabe destacar aqui o quanto as formas que os mineiros apresentam o Freud se aproximam daquelas utilizadas pelos paulistanos: como uma das



bases de discussões sociais. É o que nos atesta o trabalho de Ascânio Lopes, autor que busca na psicanálise certos elementos para sustentar suas ideias modernistas.

Além desses fatores, torna-se fundamental situar a importância do posicionamento do Alceu Amoroso Lima diante da psicanálise. Lendo em Freud um autor pansexualista, Lima não poupou críticas à teoria psicanalítica, sendo que seus textos tiveram grande repercussão, tanto pela publicação de um deles num periódico modernista quanto pela importância dos Centros Dom Vital em Minas Gerais, responsáveis pela divulgação de seu opúsculo chamado *Freud*. Esse autor é representativo da resistência operada à psicanálise pela via dos intelectuais católicos, intensificada após a publicação de *O Futuro de uma Ilusão*, no ano de 1927. Se essas críticas se estenderam em diversos países ao redor do mundo, no Brasil - e especialmente em Minas Gerais - elas foram realizadas com uma intensidade digna de nota.

Assim, consideramos que diante dessa tensão entre a psiquiatria - representada por Iago Pimentel e por Galba Velloso - e a religião - com Alceu Amoroso Lima enquanto maior representante -, tornou-se possível a emergência do enunciado de Washington Pires, que se organizou aos modos de uma formação de compromisso. Essa noção, tal como destacam Laplanche e Pontalis (2004), aponta para a possibilidade de satisfação de forças antagônicas - as exigências defensivas e o desejo do inconsciente - pela via de uma formação que é atravessada por ambas as exigências. A formação de compromisso, noção de extração clínica, nos fornece uma interessante chave de leitura para compreender os aspectos históricos envolvidos nas condições de emergência de um enunciado que, tal como o de Pires, tornou possível a localização de aspectos tanto freudianos quanto religiosos em um mesmo discurso.

Referências

- Andrade, C. D. (1987). *Crônicas. 1930-1934*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.
- Bueno, A. S. (2012). Revistas modernistas em Portugal e no Brasil. *O eixo e a roda*, 21(1), 77-88.
- Caldeira, R. C. (2011). O catolicismo militante em Minas Gerais: aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camillo de Oliveira Torres. *Revista brasileira de história das religiões*, 4(10). Recuperado em 12 de junho, 2015, de www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf9/12.pdf
- Cantarino, C. (2012). O mito de origem do modernismo brasileiro faz 90 anos. *Ciência e Cultura*, 64(2), 56-58.
- Cesar, G. (1928). Oswald de Andrade: a estrela de absyntho. *Verde (Cataguases)*, 1(5), 23.



- Corrêa, E. J. & Gusmão, S. N. S. (2011). Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG: da criação á federalização. *Revista Médica de Minas Gerais*, 21(1), 105-111. Recuperado em 12 de junho, 2015, de www.rmmg.org/artigo/detalhes/300
- Cury, M. Z. F. (1998). *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Duarte, M. A. (2011). *Leite Criolo: da rede modernista nacional à memória monumental do modernismo*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Faculdade de Medicina. (1911). *Estatutos da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes.
- Filho, L. V. M. & Cabral, A. A. (Org.s). (2012). *Leite Criolo: Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins.
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IV e V). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996b). A questão da análise leiga. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926).
- Freud, S. (1996c). As resistências à psicanálise. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925[1924]).
- Freud, S. (1996d). Dois verbetes de enciclopédia. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923[1922]).
- Freud, S. (1996e). Mal-estar na civilização. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1929).
- Freud, S. (1996f). O futuro de uma ilusão. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996g). Psicologia das massas e análise do Eu. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1922).



- Freud, S. (1996h). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VI). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996i). Totem e Tabu. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996j). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Gageiro, A. M. & Torossian, S. D. (2014). A história da psicanálise em Porto Alegre. *Analytica*, 3(4), 117-144.
- Gay, P. (1989). *Freud para historiadores* (O. F. Gabbi Júnior, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Original publicado em 1985).
- Gomes Junior, G. S. (2011). Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima. *Tempos social*, 23(2), 101-133.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (2004). *Diccionario de psicoanálisis* (F. G. Cervantes, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1967).
- Lima, A. A. (1929a). Pirandello. *Verde (Cataguases)*, 1(5), 19-21.
- Lima, A. A. (1929b). *Freud*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital.
- Lopes, A. (1928). O papel do instinto no mundo atual: Freud. *Verde, (Cataguases)*, 1(5), 13.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Menezes, M. O. S. (2014). Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. *Analytica*, 3(4), 88-116.
- Moretsohn, J. A. (1989). *História da psiquiatria mineira*. Belo Horizonte: Coopmed.
- Nava, P. (1978). *Beira-Mar*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Nava, p. (1983). *O círio perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Nunes, S. A. (1988). Da medicina social à psicanálise. Em J. Birman (Org.). *Percursos na história da psicanálise* (pp. 61-122). Rio de Janeiro: Taurus.
- Oliveira, C. L. M. V. (2002). Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, 5(1), 133-154.



- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta.
- Pessotti, I. (1999). *Os nomes da loucura*. São Paulo: 34.
- Pimentel, I. (1925). Sobre a psycho-analyse. *A Revista*, 1(2), 14-15.
- Pires, A. (1927). Faculdade de Medicina de Bello Horizonte: subsídios e documentos para a historia da fundação da mesma. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 21(4), 367-497.
- Pires, W. (1928). Clínica neuriátrica ou neurológica. Em Faculdade de Medicina da UFMG (Org.). *Programmas e horários do curso médico em 1928: sexto ano*. Belo Horizonte: UFMG.
- Resende, H. (1928). Notícia sobre os “Estudos” de Tristão de Athayde. *Verde (Cataguases)*, 1(5), 7.
- Rocha, G. S. (1989). *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias* (N. L. Cintra, Trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Original publicado em 1994).
- Roudinesco, E. (2006). *A análise e o arquivo* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 2001).
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.s). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1997).
- Ruffato, L. (Org.). (2005). *Ascânio Lopes, todos os possíveis caminhos*. Cataguases, MG: Instituto Francisca de Souza Peixoto.
- Sant’Ana, R. M. T. (2006). O movimento modernista Verde, de Cataguases - MG. *Em Tese*, 10, 172-177.
- Santos, R. A. N. & Kyrillos Neto, F. (2014). Contribuições para uma historiografia da psicanálise em Minas Gerais. *Analytica*, 3(4), 145-162.
- Silva, A. P. O. (Org.). (2004). *Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928*. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Vale, V. A. (2009). *Pedro Nava – cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890 – 1940)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Verde. (1927). *Manifesto do Grupo Verde de Cataguases*. Cataguases, MG: Verde.



Nota sobre os autores

Rodrigo Afonso Nogueira Santos é psicólogo e mestre em psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: rodrigoafonsons@gmail.com

Fuad Kyrillos Neto Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com Pós Doutorado pelo Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (IPUSP). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail fuadneto@ufsj.edu.br

Data de recebimento: 10/07/2015

Data de aceite: 07/12/2016